



CADERNOS DE ESTUDOS AÇORIANOS

Suplemento # 33 - junho 2017
MANUEL MACHADO

Todas as edições em www.lusofonias.net

Editor **AICL - Colóquios da Lusofonia**

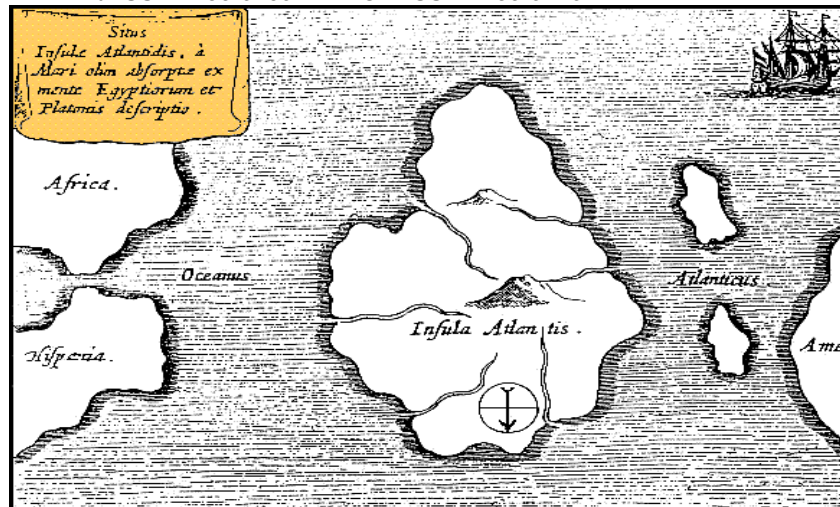
Coordenador **CHRYS CHRYSTELLO**

CONVENÇÃO: O Acordo Ortográfico 1990 rege os Colóquios da Lusofonia e é usado em todos os textos escritos após 1911 (data do 1º Acordo Ortográfico)



© TM ®

Editado por **COLÓQUIOS DA LUSOFONIA**
(AICL, ASSOCIAÇÃO INTERNACIONAL COLÓQUIOS DA LUSOFONIA)
Em linha ISSN 2183-9239 CD-ROM ISSN 2183-9115



Nota introdutória do Editor dos Cadernos,

Os suplementos aos Cadernos Açorianos servem para transcrever textos em homenagem a autores publicados pelos Colóquios da Lusofonia, pelos seus participantes ou até pelos próprios autores.

Hoje este Suplemento # 33 de ÁLAMO OLIVEIRA é dedicado a MANUEL MACHADO

TEMA 3.1. MANUEL MACHADO, ESCRITOR AÇORIANO

«Lembrar Manuel Machado» é a sinopse do breve texto apresentado no 24º Colóquio da Lusofonia.

LEMBRAR MANUEL MACHADO

Escolhi falar de Manuel Machado por vários motivos: foi escritor singular dentro do naipe de escritores açorianos da sua geração; é natural dos Açores; faleceu recentemente e começou já a entrar no limbo do nosso esquecimento.

No entanto, foi escritor profissional segundo as leis da Noruega, tendo justificado, junto do Governo norueguês, o dinheiro que lhe pagava e que ele merecia.

Foi nos Açores que Manuel Machado publicou os seus livros escritos em português. A sua estranheza, perante a indiferença da informação sobre o que publicou nos Açores, levou-o ao estado da conformação à medida que foi entendendo que os seus companheiros de escrita residentes tinham o mesmo tratamento. Conformou-se. Mas, de uma vez por todas, escolheu escrever, definitivamente na Noruega.

Manuel Machado foi-me apresentado, por escrito, pelo Poeta Emanuel Félix, apresentação essa que veio acompanhada por um pequeno texto titulado de «O seio ausente».

Era o ano de 1976. O Poeta Emanuel Félix apresentou-o assim:

«Nasceu na freguesia das Lajes. É pouco mais velho do que eu. Foi funcionário civil na Base Aérea 4.

Deixou a Terceira por volta de 1960, com destino a Lisboa. Aí, pela mão de José Carlos González, que conheceu em Angra, aproximou-se do então chamado grupo dos surrealistas portugueses.

Mas os tempos eram difíceis... E preferiu partir para o estrangeiro.

Viveu (como lhe possível) em Londres, Paris, Copenhaga.

Frequentou a Sorbonne durante três anos. Parou em Oslo, onde vive com a Aud.»

Apesar da curta apresentação, passei, desde então, a ser amigo e admirador de Manuel Machado. É que havia muitos outros aspetos a admirar neste nosso escritor das Lajes: escrevia bem em francês, em português e norueguês e cito-o:

«em Inglês nunca escrevo, nem uma linha, apesar de ter estado em Inglaterra cerca de três anos. Só o facto de a rainha ganhar um milhão de libras, enquanto eu apenas 8, a lavar pratos, me impediria de aprender a língua convenientemente.»

Em 1970, uma editora francesa interessou-se pelos seus textos de teatro, mas não se entenderam comercialmente. Dez anos depois, a mesma editora interessou-se pelos seus textos poéticos, mas o acordo falhou mais uma vez.

Numa entrevista ao suplemento literário «Quarto Crescente», do Jornal «A União», em novembro de 1981, Manuel Machado fala do seu primeiro livro escrito em português, com o título *Enquanto os Coveiros Dormem*.

Foi inserido na coleção «Gaivota» e constituiu uma lufada de ar fresco no panorama editorial florescente nos Açores. O livro é enformado por pequenas estórias, estruturadas em «nonsense» bem-humorado.

Na referida entrevista, Manuel Machado disse:

«É difícil dizer o que é o meu livro, mas também reconheço que não deve ser fácil para o leitor.

Por isso, talvez seja melhor arriscar algumas sugestões: não é um livro surrealista no sentido total, mas muitos dos textos nele incluídos são surrealizantes e alguns mesmo um pouco surrealistas.

Há também um pouco de simbolismo aqui e ali, não sei dizer. Uma coisa, porém, é fácil de ver: são textos irrequietos, desiguais, com bastante sonho, muito pontapé vivido e uma certa dose de humor negro para equilibrar o lado ferrugento do sonho.» (Fim de citação).

Enquanto os Coveiros Dormem surpreendeu leitores e até livreiros. O facto de haver um texto introdutório publicado de pernas para o ar não foi fácil de aceitar, mesmo com várias explicações. De qualquer forma, o livro esgotou e, alguns anos mais tarde, a Blu Edições reeditou-o com cuidado aparato gráfico.

O Instituto Açoriano de Cultura publicou um outro livro de contos de Manuel Machado, com o título *Virtudes, Reis, Moscas & outras Hortalças*.

Mais uma vez, voltou a surpreender o leitor com a sua habitual dose de «non-sense», com algum surrealismo à mistura, em contos tão ousados como o «No Reino do Christmas Cake», onde a rainha de Inglaterra é vista a comprar batatas num mercadinho de bairro.

Este conto foi escrito muitos anos antes de Sue Townsend publicar o romance *Eu e a rainha*, onde a falência da coroa coloca Sua Majestade a viver num bairro social.

Em 2009, outra vez através do Instituto Açoriano de Cultura, Manuel Machado publica mais um conjunto de contos. Seguiu a mesma linha do livro anterior. Deu-lhe o nome de *Quebra-cabeças e nozes*. Ele quis oferecer a edição, na sua quase totalidade, às escolas da região. Desconheço se essa entrega aconteceu.

Em 2012, através da VerAçor, publicou *Três Olhares*. São três pequenas novelas ou, se se quiser, três contos maiores. Novamente a imaginação de Manuel Machado é explosiva. E volta-se a poder falar da originalidade da sua escrita, refinada e polida por um humor cru e cáustico que capta o ridículo das sociedades de hoje (nomeadamente das que se comportam como se fossem de ontem) e que se alimenta também de um «non-sense» que tem muito a ver com o surrealismo clássico. (Não esquecer que Manuel Machado teve uma preferência muito assumida pelo surrealismo francês).

Neste livro, nada se repete.

O poder encantatório da sua escrita é exposto com outro refinamento humorístico, humor que é tratado como um ajuste de contas com falsos comportamentos sociais e a ridicularização das hipocrisias sustentadas com a seriedade leviana dos filhos de pais incógnitos, onde sangue azul aos borbotões, derramado de forma generosa e licenciosa proveniente dos cinco continentes.

Nas histórias de Manuel Machado até parece fácil ser filho de algo e ladear figuras tão importantes como os generais da revolução francesa.

Ler Manuel Machado é uma necessidade e é um prazer, até porque é também um reencontro com um escritor que, apesar da sua vagamundagem, teve pelos Açores, nomeadamente pela Terceira, um indelével amor de raiz.



CADERNOS DE ESTUDOS AÇORIANOS

Suplemento # 33 - junho 2017
MANUEL MACHADO